

Uma abordagem sistêmica para a articulação de disciplinas de sustentabilidade em cursos superiores de Moda

A systemic approach to the articulation of sustainability courses in undergraduate fashion programs

Valdecir Babinski Júnior, mestre em Design de Vestuário e Moda, Universidade Estadual de Maringá (UEM)

vbjunior2@uem.br

Paula Piva Linke, doutora em Ciências Ambientais, Universidade Estadual de Maringá (UEM)

pplinke2@uem.br

Número da sessão temática da submissão – [05]

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir como o pensamento sistêmico pode contribuir para a articulação das disciplinas de sustentabilidade nos cursos superiores de Moda. Parte-se do reconhecimento de que os prejuízos socioambientais causados pelas indústrias têxteis e de confecção podem ser concebidos como problemas complexos que não podem ser elucidados por meio de abordagens epistemológicas fragmentadas. Destaca-se que, em termos metodológicos, realizou-se uma revisão bibliográfica e narrativa da literatura, que foi estruturada por um protocolo de busca simplificado. Os achados teóricos foram examinados qualitativamente com a ajuda da análise de conteúdo temática. Em seguida, propôs-se alguns princípios sistêmicos para guiar a articulação transversal da sustentabilidade ao ensino de Moda, tensionar o currículo oculto presentes nos cursos superiores e examinar a lógica produtivista acrítica que prevalece nessas unidades curriculares. Concluiu-se que adoção do pensamento sistêmico pode contribuir para a formação de designers e estilistas ao ampliar seu poder de transformação local mediante a insustentabilidade da cadeia global.

Palavras-chave: Pensamento Sistêmico; Sustentabilidade; Cursos superiores de Moda.

Abstract

The aim of this paper is to discuss how systems thinking can contribute to the integration of sustainability disciplines within higher education fashion courses. It begins with the recognition that the socio-environmental damage caused by the textile and clothing industries can be understood as complex problems that cannot be fully explained through fragmented epistemological approaches. It should be noted that, in methodological terms, a narrative literature review was conducted, structured

according to a simplified search protocol. The theoretical findings were examined qualitatively with the aid of thematic content analysis. Subsequently, a few systemic principles were proposed to guide the cross-cutting integration of sustainability into fashion education, to challenge the hidden curriculum present in higher education programs, and to examine the uncritical productivity logic that prevails in these curricular units. It was concluded that the adoption of systemic thinking can contribute to the training of designers and stylists by expanding their capacity for local transformation in the face of the unsustainability of the global supply chain.

Keywords: Systemic Thinking; Sustainability; Fashion Programs.

1. Introdução

No presente, as indústrias têxteis e de confecção encontram-se no epicentro de um conjunto de crises ambientais interligadas e provocadas pela lógica da insustentabilidade que predomina sobre as atividades fabris. Alicerçadas em um modelo produtivo linear, que gera toneladas de resíduos sólidos todos os anos, as milhares de fábricas espalhadas pelo planeta e dedicadas à manufatura de artigos têxteis e peças de vestuário fazem uso intensivo de recursos naturais, emitem uma quantidade significativa de gases tóxicos e poluentes químicos, e criam um volume expressivo de subprodutos entrópicos de difícil reinserção em linhas de produção convencionais (Fletcher, 2008; Fletcher; Grose, 2011; Schulte, 2015). A esses impactos ambientais somam-se graves assimetrias sociais que estão marcadas pela precarização do trabalho, a exploração da miserabilidade humana e a transferência de fabricantes mundiais para territórios periféricos (Mello; César, 2020; Veronese; Laste, 2022).

Esse cenário revela que a questão da sustentabilidade nas indústrias têxteis e de confecção não está restrita a falhas pontuais na aquisição de insumos, na gestão de resíduos ou no modelo de produção adotado por fabricantes e fornecedores, tampouco se limita ao universo das escolhas individuais feitas por consumidores em busca de aquisições compensatórias ou com baixo custo, mas se trata de um problema sistêmico, estrutural, multifacetado e intrinsecamente ligado à lógica econômica. Dada essa constatação, “[...] a sustentabilidade impele uma mudança profunda na moda, sendo, talvez, a maior crítica que o setor já enfrentou, pois o desafia em todas suas dimensões [...]” (Pereira, 2024, p. 17), desde a forma como têxteis e vestíveis podem ser criados até a forma como os profissionais de amanhã podem ser educados. Nesse sentido, Pereira (2024, p. 20) afirma que:

[...] há uma crescente pressão para integração da sustentabilidade no currículo do ensino superior da área, mas ainda não existe um consenso a respeito de como viabilizá-la. Embora a inclusão do tema no ensino do design de moda tenha aumentado nos últimos anos, a sustentabilidade ainda é tratada como um assunto agregado, disperso e fragmentado como conceito e inconsistente como plano prospectivo para preparar futuros designers.

Diante do exposto por Pereira (2024), torna-se relevante repensar a maneira como a sustentabilidade tem sido incorporada aos processos formativos na área de Moda. Não se trata apenas de inserir novos conteúdos ou realizar ajustes pontuais em atividades

pedagógicas, mas de promover uma reconfiguração epistemológica que, de forma transversal e interdisciplinar, possa articular a teorização histórica, a prática projetual e a consciência crítica acerca da insustentabilidade presente na fabricação de têxteis e vestíveis. Se essa mudança não for realizada, a estagnação das unidades curriculares que abarcam o tema tende a se acelerar e, conseqüentemente, levar a exclusão da sustentabilidade dos currículos de Moda, vista a emergência em discutir outras pautas adjacentes. Não sem motivo, Schulz e Cunha (2025, p. 6) observam que “[...] o ensino da sustentabilidade no design, em particular no design de moda, continua sendo abordado de forma setorial e periférica, o que dificulta a construção de uma formação curricular coerente com os desafios contemporâneos [...]”. As autoras estimam que esse quadro deve se agravar caso sejam inviabilizadas outras formas de conceber a inserção da sustentabilidade nos cursos superiores de Moda.

A fragmentação percebida por Schulz e Cunha (2025) também compromete a visão dos futuros profissionais e engessa sua capacidade de reconhecer a interdependência entre criação, produção, consumo e descarte de produtos. Notadamente, isso enfraquece o potencial transformador do alunado que pode se tornar indiferente aos danos causados pela falta de responsabilidade socioambiental ao longo de sua carreira. Para Pereira (2024, p. 20), faz-se necessário, portanto, “[...] buscar um caminho mais coeso e coerente que possa orientar o ensino de design de moda para a sustentabilidade”. Dada a complexidade dessa tarefa, o pensamento sistêmico mostra-se oportuno para melhor articular as pautas sociais e ambientais aos ementários de Moda.

Para Capra (1996), Meadows (2008), Alves (2012), Bertalanffy (2012) e Vasconcellos (2022), o pensamento sistêmico parte da compreensão de que os fenômenos sociais, econômicos, ambientais e culturais não podem ser compreendidos, adequadamente, por meio de análises reducionistas que desconsideram a relação entre seus múltiplos componentes, em diferentes níveis e instâncias. De modo unânime, os autores defendem que os elementos que compõem um dado sistema possuem um grau de interdependência que gera interações e iterações com efeitos não lineares e que permite a existência de estruturas de fluxos de informações em processos de retroalimentação. Essa forma de pensar e abordar os problemas da contemporaneidade torna possível entendê-los em sua totalidade, sem deixar de lado suas particularidades e peculiaridades.

Por essa razão, Bertalanffy (2012, p. 23) considera o pensamento sistêmico como uma: “[...] transformação nas categorias básicas de pensamento da qual as complexidades da moderna tecnologia são apenas uma — e possivelmente não a mais importante — manifestação [...] Isto implica uma fundamental reorientação do pensamento científico”. Segundo o autor, ao adotar uma abordagem sistêmica para resolver um problema complexo, pode-se descortinar a existência de ciclos, dinâmicas, fluxos e processos de balanceamento que perpetuam estruturas pré-existentes ou as levam ao colapso. Com base nesse entendimento, o presente artigo tem como objetivo discutir como o pensamento sistêmico pode contribuir para a articulação das disciplinas de sustentabilidade nos cursos superiores de Moda.

Para alcançar esse propósito, o trabalho está estruturado em três partes fundamentais, sendo a primeira dedicada à revisão teórica dos paradigmas que envolvem as unidades curriculares de sustentabilidade atreladas ao ensino de Moda; a segunda reservada para a descrição dos procedimentos metodológicos; e a terceira voltada para a discussão do

referencial e a exposição de um quadro geral com princípios sistêmicos que podem ser utilizados pelos cursos para articular a sustentabilidade aos seus respectivos currículos. Após a explicação, apresentam-se as considerações finais, as limitações da pesquisa e as recomendações da autoria para futuros estudos.

2. Abordagens em uso nas disciplinas de sustentabilidade em cursos superiores de Moda

No âmbito do ensino superior em Moda, a incorporação da sustentabilidade aos currículos tem ocorrido por meio de diferentes estratégias pedagógicas, referenciais teóricos e abordagens epistemológicas. Essa variedade reflete as distintas formas de compreender o enfrentamento às crises socioambientais existentes no presente, ao passo em que também orienta os conteúdos, atividades e métodos usados em sala de aula para problematizar os danos causados pelo sistema produtivo vigente. Nesse cenário, Fletcher (2008), Lima (2018) e Schulz e Cunha (2025) destacam duas abordagens fundamentais que alicerçaram as disciplinas da área até então: a tecnocêntrica e a ecocêntrica.

A abordagem tecnocêntrica possui um caráter tecnológico e se concentra em elencar os problemas ambientais provocados pela ação das indústrias têxteis e de confecção, globalmente, para que, posteriormente, sejam apresentadas ferramentas projetuais que podem mitigá-los em algum grau. Lima (2018, p. 61) afirma que essa abordagem pode ser considerada a “[...] mais difundida, [pois] ela adota o modelo industrial atual como ponto de partida e foca na melhoria dos produtos e processos existentes em direção à sustentabilidade, configurando-se como uma estratégia de minimização de problemas [...]”. Nessas disciplinas, não raro, observa-se certo reducionismo nas soluções tidas como satisfatórias para a insustentabilidade do setor, o que pode ser percebido na ênfase dada aos processos produtivos alternativos e aos materiais têxteis *ecofriendly* (ecologicamente amigáveis, em livre tradução) que, apesar de sua potencialidade, não podem ser considerados uma resposta definitiva para a cadeia global.

A segunda abordagem (ecocêntrica) em uso surgiu com o amadurecimento do ensino de Moda e seu foco está na inclusão de questões sociais, culturais e éticas às discussões da área, que passou a contemplar temas envolvendo desde comunidades marginalizadas até o apagamento da artesanato e da ancestralidade (Fletcher, 2008; Lima, 2018; Schulz; Cunha, 2025). No entendimento de Lima (2018, p. 61, grifo da autora), nota-se que essa abordagem está “[...] aberta à reconstrução dos sistemas (modelos econômicos, práticas de negócio e comportamento sociocultural) que moldam o *design*, a produção e o consumo (e por eles são moldados), [e] reivindica novos conceitos acerca de como satisfazer as necessidades básicas [...]” da população global. Todavia, o pensamento ecocêntrico ainda não está em simbiose completa com os currículos de Moda e, mesmo as disciplinas que o adotam, contraditoriamente, tendem a voltar suas práticas para a confecção de artigos com insumos de segunda mão, ao invés de buscar habilitar comunidades e pessoas vulneráveis.

Embora sejam importantes para a construção do conhecimento durante a formação acadêmica em Moda e contribuam para o fortalecimento de práticas laborais pró-sustentabilidade, as duas primeiras abordagens podem ser consideradas insuficientes perante a vastidão da cadeia produtiva, o que faz com que seja necessária uma terceira via capaz de

preencher as lacunas que ainda persistem. Para isso, Schulz e Cunha (2025) sugerem a adoção da transdisciplinaridade a partir de três eixos estruturantes: (I) um eixo metodológico, baseado em investigações participativas e pesquisas-ação; (II) um estratégico, que considera as relações humanas e as formas de hibridização para a produção de conhecimento; e (III) um cultural, pautado na preservação e na ativação do patrimônio imaterial atrelado aos saberes ancestrais. Para cada eixo, as autoras recomendam o uso de ferramentas de design que podem contribuir para a aprendizagem dos educandos, desde mapas mentais e diagramas causais até oficinas de cocriação e *workshops* de prototipação.

Ancorada na literatura, Lima (2018) comenta sobre uma outra opção: a perspectiva sistêmica. A autora reconhece “[...] a importância do pensamento sistêmico no setor, [especialmente] ao deslocar a ação de uma abordagem reducionista para uma abordagem sistêmica, por parte do *design*, em relação às questões da sustentabilidade [...]” (Lima, 2018, p. 61, grifo da autora). Em sua compreensão, essas múltiplas formas de conceber as mudanças necessárias ao ensino e à prática profissional do campo não devem ser vistas como polos antagônicos ou forças excludentes: as diferentes abordagens precisam ser consideradas complementarmente para que se possa enfrentar a complexidade dos desafios socioambientais contemporâneos de modo abrangente e, ao mesmo tempo, particular.

Nesse sentido, a adoção de uma perspectiva sistêmica no ensino de Moda não implica na substituição das abordagens tecnocêntrica e ecocêntrica, mas antes em sua rearticulação a partir de uma compreensão ampliada sobre os impactos sociais, culturais, políticos, ambientais e econômicos que envolvem o processo de criação, produção, consumo e descarte de artigos têxteis e vestíveis. Esse reposicionamento exige que a formação acadêmica ultrapasse o pensamento fragmentado para promover intervenções expressivas no modo como os designers e estilistas de amanhã concebem o entorno e estabelecem relações em micro e macro escala. Todavia, essa transição ainda encontra empecilhos nos currículos de Moda. Como aponta Pereira (2024, p. 20), “[...] embora exista um número representativo de disciplinas voltadas para a sustentabilidade nas graduações em design de moda, o paradigma educacional do ensino ainda é, via de regra, orientado essencialmente ao consumismo [...]”, o que leva os educandos a se alienarem perante as possibilidades de embutir em suas decisões escolhas ambientalmente corretas e socialmente justas.

Essa alienação não pode ser considerada um fenômeno fortuito ou meramente circunstancial: ela deve ser compreendida como resultado de uma estrutura institucional que, em detrimento de abordagens críticas, interdisciplinares e potencialmente comprometidas, privilegia a lógica produtivista, mesmo havendo um arcabouço normativo robusto para respaldar a integração da sustentabilidade ao ensino superior no Brasil (BR). Troiani, Sehnem e Carvalho (2022) citam alguns desses aparatos legais: (I) as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, definidas pela Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012; (II) a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), contida no texto da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999; (III) as próprias Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) que, em sua Resolução nº 5, de 08 de março de 2004, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior (CNE/CES), já tratam de parâmetros pertinentes a implementação da sustentabilidade nos currículos relacionados ao campo do Design; e (IV) a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), consolidada por meio da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981.

Diante desse conjunto de instrumentos legais, percebe-se que a limitada incorporação da sustentabilidade aos currículos de Moda não decorre da ausência de diretrizes formais, mas de uma série de desafios relacionados à sua operacionalização pedagógica e às concepções teóricas que orientam os Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC). Nesse contexto, a noção de currículo oculto proposta por Jackson (1968) torna-se central para compreender as contradições que a formação em Moda apresenta na contemporaneidade. Segundo o autor, além do conteúdo explícito contemplado nos currículos oficiais, os cursos possuem códigos implícitos que visam ao controle social por meio da aprendizagem de atitudes e comportamentos, tais como subserviência e conformismo. Assim, ainda que os PPC contemplem questões relacionadas à sustentabilidade e busquem vencer as abordagens em uso, os valores e as práticas exercidas no cotidiano continuam a reproduzir, de maneira velada, os paradigmas de outrora (Lima, 2018; Troiani; Sehnem; Carvalho, 2022; Pereira, 2024). Em outras palavras, a dissonância entre o currículo prescrito e a realidade em sala de aula cria um descompasso comprometedor que fortalece a hegemonia do mercado e esvazia o discurso pró-ambiental.

Em parte, Troiani, Sehnem e Carvalho (2022) comprovaram isso ao conduzirem uma pesquisa exploratória com 54 cursos de Design de Moda, Design, Moda e Estilismo distribuídos em todo o Brasil (BR). Além de analisar 15 PPC, entre setembro de 2019 e janeiro de 2020, os autores coletaram dados de 247 alunos, 112 professores e 11 coordenadores por meio de questionários eletrônicos. Os resultados obtidos foram tratados qualitativamente e discutidos por intermédio de três proposições de design, sendo a primeira interessada em saber se os cursos contemplam práticas de sustentabilidade e economia criativa; a segunda, se esses cursos formam profissionais ambientalmente conscientes; e por fim, se os cursos estimulam o desenvolvimento de coleções pró-sustentabilidade.

Acerca da primeira proposição, Troiani, Sehnem e Carvalho (2022, p. 72) observaram que “para 64,3% dos docentes, o ensino sobre moda sustentável no curso contribui, de forma plena e satisfatória, para a disseminação das práticas de moda sustentável no Brasil [...]”. Já para os 36,4% dos coordenadores, os cursos se destacam por contemplar práticas inovadoras relacionadas com temas emergentes. Na visão dos discentes, os cursos demonstram como se pode planejar coleções de vestuário de maneira sustentável.

Sobre a formação de profissionais conscientes acerca dos impactos da produção das indústrias têxteis e de confecção, 33,9% dos professores declararam que estimulam o alunado a pensar na biodegradabilidade dos materiais, na ética das relações de trabalho e na insustentabilidade envolvida em todo o setor. Embora a visão de discentes e coordenadores não tenha sido exposta, explicitamente, Troiani, Sehnem e Carvalho (2022, p. 72) afirmaram que “[...] os resultados contribuem para o êxito da sustentabilidade no contexto da moda com base em atitudes conjuntas entre a etapa de pré-produção, produção e seleção das técnicas que diminuem o impacto ambiental [...]”.

Com relação aos estímulos promovidos pelos cursos de Moda para o desenvolvimento de artigos têxteis e peças de vestuário alinhadas com a sustentabilidade, Troiani, Sehnem e Carvalho (2022) perceberam que, na visão de 45,5% dos coordenadores, os alunos são encorajados a não só projetarem produtos socialmente justos e ambientalmente responsáveis, mas também a melhorarem seus hábitos como consumidores. Isso se mostrou

verdadeiro diante da resposta dos educandos: 42% dos discentes disseram que levam em consideração a forma como uma roupa foi produzida antes de adquiri-la e 18,5% afirmaram que privilegiam itens confeccionados a partir de insumos ecológicos. Vale dizer que, ainda que os incentivos não sejam mencionados diretamente pelos autores e seus respondentes, 46,4% dos docentes confirmaram que entendem a sustentabilidade como uma tendência para o futuro do setor e 36,6% esboçaram preocupações acerca de sua adoção no ensino de Moda.

Os dados apresentados por Troiani, Sehnem e Carvalho (2022) permitem identificar a existência de um discurso tecnocêntrico altamente institucionalizado e relativamente consolidado em torno do tema, sobretudo se observadas as respostas de docentes e coordenadores. Entretanto, a distribuição desigual dos percentuais e a ênfase em atitudes e escolhas pessoais indicam limites significativos quanto à abordagem escolhida. Isso significa dizer que, mesmo que a sustentabilidade seja reconhecida no horizonte acadêmico dos cursos examinados, sua incorporação ocorre no plano do discurso e está voltada para a dimensão dos insumos e do consumo. Embora sejam promissores, os resultados encontrados pelos autores sugerem um desalinhamento entre a retórica e a prática observada empiricamente em sala de aula.

Assim, evidencia-se que articulação da sustentabilidade no ensino superior em Moda, embora esteja formalmente respaldada por instrumentos legais e seja amplamente reconhecida no discurso dos sujeitos da educação, ainda apresenta lacunas e fissuras que tornam possível perceber a predominância do pensamento tecnocêntrico e de seu caráter incremental. Esse cenário não decorre da ausência de referenciais normativos, mas sim da persistência de paradigmas pedagógicos interessados na manutenção de um alunado acrítico e subjugado ao currículo oculto dos cursos da área. Em meio a esse contexto, a abordagem sistêmica desponta no horizonte epistemológico como um princípio pedagógico capaz de rearranjar as correntes vigentes em uma lógica relacional e complexa e, ainda, alterar os valores que permeiam os PPC e sustentam o percurso formativo dos futuros designers e estilistas. A seguir, apresenta-se o percurso metodológico adotado para alcançar a discussão sobre a mudança desejada.

3. Procedimentos metodológicos

O percurso metodológico usado no trabalho pode ser dividido em duas etapas, sendo a primeira reservada para um levantamento bibliográfico e a segunda para a estruturação da discussão. Cabe explicar que a primeira etapa foi realizada entre os meses de dezembro de 2025 e janeiro de 2026 com o auxílio de um buscador eletrônico (Google Scholar®) e de repositórios institucionais (da Universidade de São Paulo [USP], da Universidade do Estado de Minas Gerais [UEMG] e da Universidade do Estado de Santa Catarina [Udesc]). As palavras-chave empregadas continham os termos “curso de moda”, “disciplina de sustentabilidade” e “abordagem sistêmica”.

A primeira busca foi feita em 20/12/2025 e não retornou resultados. Observada essa limitação, foi necessário ampliar o escopo e uma nova busca foi realizada em 21/12/2025, com a seguinte *string* (acompanhada de operadores booleanos): “disciplina *and* moda *and* sustentabilidade” (sem aspas). Como o volume de resultados foi considerado elevado para o

trabalho, para escolher as referências a serem revisadas, estabeleceu-se como critério temporal publicações realizadas a partir do ano de 2020; e como critério de escopo a proximidade e afinidade temática com o assunto. Assim, obteve-se: Mello e César (2020), Veronese e Laste (2022), Troiani, Sehnem e Carvalho (2022) e Schulz e Cunha (2025).

No mesmo dia, foi realizada também a segunda busca nos repositórios institucionais. Usando os critérios supramencionados, chegou-se às obras de Lima (2018), da USP; de Pereira (2024), da UEMG; e de Schulte (2015), da Udesc. Ao portfólio bibliográfico também foram adicionados trabalhos seminais sobre a Teoria Geral de Sistemas (Capra, 1996; Meadows, 2008; Alves, 2012; Bertalanffy, 2012; Vasconcellos, 2022) e Moda Sustentável (Fletcher, 2008; Fletcher; Grose, 2011). Embora diversas outras referências tenham sido cogitadas pelos pesquisadores, optou-se por essas obras por sua recorrência em unidades curriculares de sustentabilidade nos cursos superiores de Moda e em disciplinas de abordagem sistêmica em Programas de Pós-Graduação em Design.

Depois da seleção da bibliografia, procedeu-se a uma revisão narrativa e assistemática da literatura. A exploração do material seguiu uma postura epistemológica interpretativista (Rosenthal, 2014). Os achados teóricos foram tratados de maneira qualitativa, conforme a técnica de análise de conteúdo temática (Bardin, 2016), escolhida pelo seu rigor metodológico, com o propósito de garantir isenção e objetividade na revisão. Para a segunda etapa da pesquisa, além de manter a condução interpretativa, optou-se por uma inclinação indutiva, visto que se buscou construir inferências a partir da literatura consultada, permitindo que os significados emergissem do material coletado, em vez de serem previamente determinados por hipóteses rígidas.

Diante disso, torna-se possível entender que, frente à classificação proposta por Gil (2008), o trabalho se enquadra como uma pesquisa básica, bibliográfica, descritiva e qualitativa, pois interessa-se pelo debate teórico acerca do tema, sem debruçar-se sobre a coleta de dados primários em campo. Logo, esclarecidos os procedimentos metodológicos, apresenta-se a discussão do trabalho.

4. Discussão

A inserção de disciplinas de sustentabilidade nos cursos de Moda tem sido frequentemente apresentada como uma resposta direta às críticas dirigidas às indústrias têxteis e de confecção que, sabidamente, causam incontáveis prejuízos ao meio ambiente e à sociedade. Todavia, em alguns casos, observa-se que essa incorporação ocorre de maneira superficial ou sem a devida estrutura epistemológica, quando não de forma isolada e desarticulada de outras unidades curriculares. Há, também, disciplinas em que a pauta assume um caráter moralizante e se distancia das bases teóricas, históricas e metodológicas que sustentam o pensamento projetual no campo da Moda. Essas abordagens reduzem a complexidade dos debates socioambientais a listas de verificação, oficinas de reciclagem, *workshops* para construir produtos vestíveis com lixo doméstico ou palestras sobre governança e boas práticas que, sem problematizar as contradições inerentes ao assunto e ao sistema de produção do vestuário, reforçam uma visão simplista dos impactos do setor sobre o planeta.

Além disso, a sustentabilidade ainda não tem sido considerada como um eixo transversal nos currículos de Moda. A negação de sua interdisciplinaridade cria um ensino fragmentado em que se secciona o processo decisório dos futuros designers e estilistas. Isso os impede de perceber o desenvolvimento dos artigos têxteis e das peças de vestuário a partir de uma visão holística e agregadora. Com isso, a construção de um pensamento projetual pró-sustentabilidade não se torna viável ou sequer se traduz em competências técnicas e gerenciais aplicáveis à realidade do alunado, o que cria um hiato entre teoria e prática, retórica e materialidade. Esse cenário se torna problemático na medida em que a estrutura curricular também corrobora com o entendimento de que a discussão sobre a sustentabilidade no campo da Moda pode ser considerada um mero acréscimo aos currículos da área, e não um eixo teórico-metodológico capaz de prover aos profissionais de amanhã plataformas habilitantes para lidarem com questões de alta complexidade, como os impactos de suas decisões no projeto de novos objetos e a duração de seus ciclos de vida.

A falta de reflexão e alinhamento também favorece a ideia hegemônica de que a sustentabilidade se limita à responsabilidade individual ou a agendas corporativas sobre as quais não se pode agir. Nessa lida, o consumo consciente se resume a um tópico de estudo dentro de um plano de ensino conteudista que ignora desde as relações de trabalho nas das indústrias têxteis e de confecção até as desigualdades globais que levam a ausência de uma educação ambiental formal em territórios dominados por fabricantes do setor. Uma inserção efetivamente transformadora exige, portanto, não apenas a revisão de ementários, grades, atividades avaliativas e cargas horárias, mas a construção de princípios norteadores que orientem os cursos superiores de Moda para fora de uma lógica acrítica e mercantilista. Isso não significa abandonar os esforços que já existem ou os casos de sucesso na área, mas requer que sejam tensionadas as estruturas dominantes para que os regimes produtivistas possam ser questionados e as disciplinas de sustentabilidade nos cursos de Moda passem a ser politicamente situadas.

Enquanto a adesão às práticas projetuais socialmente e ambientalmente corretas for apartada do pensamento sistêmico, a introdução ao debate continuará dependendo da motivação do professorado que, mesmo bem-intencionado, pode acabar por reproduzir discursos excessivamente individualistas ou se pautar em atividades episódicas de baixo envolvimento. Do contrário, se o corpo docente adotar uma abordagem sistêmica, podem ser estabelecidas frentes para dissolver o estudo de temas herméticos e de conhecimentos departamentais. Ao compreender a complexidade do problema socioambiental frente à fragilidade e à dependência do sistema produtivo, a abordagem sistêmica desloca a sustentabilidade do campo das boas intenções para o da análise crítica, estrutural, política e reflexiva. Sem essa mudança, o debate esvazia-se e a prática vira passatempo. Não se quer dizer com isso que devem ser encerradas todas as iniciativas em curso ou as experimentações que têm obtido êxito na formação de designers e estilistas conscientes, tampouco que as ações pontuais realizadas por esforços individuais precisam ser consideradas irrelevantes: deseja-se articulá-las, aprofundá-las e integrá-las a novas arquiteturas curriculares que não ignorem a interdependência entre o percurso formativo e o futuro profissional.

Para unir o pensamento tecnocêntrico e ecocêntrico e, concomitantemente, avançar nas discussões sobre sustentabilidade e Moda, deve-se, também, observar a fragilidade da dicotomia do tipo “problema-solução” que ainda está presente em algumas disciplinas da

área. Estima-se que isso ocorra pelo alinhamento dos currículos de Moda aos conteúdos previstos para os cursos de Design, o que ocorreu na década de 2000, mas reverbera até o presente. Nesses casos, parte das unidades curriculares tende a ser dedicada a construção de um inventário acerca dos prejuízos causados pela atividade fabril exercida pela cadeia produtiva do vestuário sobre o meio ambiente, e outra parte parece estar reservada para um receituário de propostas projetuais que visam suprimir danos pontuais, sem considerar a totalidade, a potencialidade, a fragilidade e as particularidades de cada realidade no entorno de universidades, cidades e parques industriais. Para superar essa situação e impedir que a sustentabilidade seja vista exclusivamente como reciclagem, sugere-se a articulação de alguns princípios sistêmicos aos PPC dos cursos superiores de Moda (Quadro 1).

Quadro 1: Princípios sistêmicos para a articulação da sustentabilidade presentes nos cursos superiores de Moda.

Princípio sistêmico	Entendimento no contexto da articulação entre sustentabilidade e Moda	Aplicação às disciplinas de sustentabilidade nos cursos superiores de Moda
Interdependência	Implica na compreensão da cadeia global como um sistema integrado composto por incontáveis formas de relação que permeiam desde os trabalhadores que lidam com a extração de matérias-primas até as empresas de logística responsáveis pela destinação de resíduos sólidos e efluentes.	Pode ser aplicado por meio de exercícios de mapeamento da cadeia têxtil e de confecção (chamados de figura rica), nos quais identificam-se relações entre atores, territórios, formas de deslocamento e condições de existência. Sugere-se, também, o uso de diagramas causais para elucidar como uma decisão tomada por um profissional reverbera por toda a cadeia produtiva e afeta seus consumidores.
Totalidade	Envolve a superação de abordagens fragmentadas, focadas em problemas materiais ou produtivos, e promove uma análise abrangente que considera, simultaneamente, as dimensões ambientais, sociais, econômicas, políticas e culturais da cadeia global.	Pode ser aplicado a partir de projetos integradores que permitam ao alunado abordar um mesmo problema de diferentes pontos de vista, com o repertório de diversas disciplinas. Recomenda-se evitar soluções centradas exclusivamente em um processo projetual linear.
Retroalimentação	Requer um exame profundo dos ciclos produtivos e dos modos de consumo, identificando os impactos das decisões projetuais sobre a perenidade dos artigos têxteis e vestíveis e seus efeitos de curto, médio e longo prazo.	Pode ser aplicado por intermédio de uma análise crítica do ciclo de vida de produtos têxteis e de confecção em que sejam avaliadas todas as escolhas projetuais em termos de sustentabilidade, durabilidade e circularidade.
Emergência	Debruça-se sobre o estudo de estratégias que podem desvelar formas não lineares de produção	Pode ser aplicado em conjunto com práticas pedagógicas participativas, como oficinas de

	e consumo, bem como reconhecer a emergência de problemas adjacentes ou soluções geradas pelos próprios sujeitos produtores.	cocriação e projetos com comunidades locais, nas quais soluções e problemas emergem das interações entre os sujeitos envolvidos e permite que eles reconheçam e estruturam intervenções relevantes, salutaras e duradouras.
Estrutura em fluxo	Diz respeito à discussão sobre os limites planetários, a finitude dos recursos naturais e a necessidade de se estabelecerem fluxos cíclicos que possam tornar ambientes regenerativos e mitigar os impactos socioambientais provocados pela atividade fabril no setor.	Pode ser aplicado por meio da experimentação de modelos circulares que prezem pelo reaproveitamento de materiais e informações em diferentes níveis, o que pode levar o alunado a compreender como melhor aproveitar os fluxos capitais que permeiam os sistemas e a importância de evitar seu desperdício.

Fonte: Os autores (2026).

Cabe comentar que o Quadro 1 apresenta apenas uma proposição inicial, não sendo possível considerá-lo uma resposta definitiva para a articulação da sustentabilidade ao ensino de Moda. Na verdade, pode-se entendê-lo como um ponto de partida preliminar que não esgota a discussão e tampouco serve como instrumento preditivo livre de exame e aprofundamento. Vale dizer que, por conta disso, o Quadro 1 deve ser lido como um esboço teórico passível de revisão e ampliação. Feitas essas ressalvas, a seguir, procede-se para as considerações finais.

5. Considerações Finais

O presente artigo teve como propósito discutir como o pensamento sistêmico pode contribuir para a articulação das disciplinas de sustentabilidade nos cursos superiores de Moda. A partir de alguns princípios sistêmicos (interdependência, totalidade, retroalimentação, emergência e estrutura em fluxos), foi possível observar que a aproximação da sustentabilidade aos currículos de Moda exige mais do que a simples inclusão de tópicos de estudos em ementários conteudistas ou a adoção de atividades avaliativas dirigidas exclusivamente para problemas socioambientais. Coloca-se em evidência a necessidade de uma reconfiguração epistemológica que seja capaz de tensionar os paradigmas produtivistas que estão apoiados nas abordagens tecnocêntrica e ecocêntrica ainda em voga.

Nesse sentido, discutiu-se, brevemente, como o pensamento sistêmico pode se tornar um ponto importante para a estruturação da sustentabilidade no ensino de Moda, especialmente, se os danos socioambientais causados pelas indústrias têxteis e de confecção forem reconhecidos como um problema complexo. Ao observar a cadeia por esse prisma, pode-se descortinar relações de interdependência, fluxos de informações e materiais, processos de

retroalimentação que perpetuam padrões insustentáveis e dinâmicas emergentes que se encontram invisibilizadas por discursos que romantizam a pauta em sala de aula.

Torna-se essencial dizer, ainda, que ao se propor a adoção da abordagem sistêmica para superar o tecnocentrismo e o ecocentrismo, não se pretende encontrar soluções acabadas, mas contribuir para deslocar o debate da esfera discursiva para o campo crítico e relacional. Assim, sustenta-se que a consolidação de um ensino de Moda comprometido com a sustentabilidade passa, necessariamente, pela revisão de PPC, planos de ensino, normativas institucionais e pela explicitação do currículo oculto. Com isso, deseja-se desenhar uma nova arquitetura curricular voltada para a formação de profissionais aptos a intervir, de maneira consciente e responsável, na realidade socioambiental circundante.

Antes de concluir, torna-se importante destacar as limitações deste trabalho, que apresenta apenas uma perspectiva teórica para um problema pedagógico que envolve múltiplos agentes e possui diferentes níveis de complexidade. Isso significa dizer que a discussão realizada não retrata a realidade de sala de aula de todas as instituições brasileiras, tampouco pode ser considerada um fechamento para a pauta da sustentabilidade no âmbito do ensino de Moda. Diversos outros pontos de vista devem ser levados em consideração para uma análise crítica da questão, bem como torna-se necessária a condução de pesquisas aplicadas com recortes longitudinais para que se possa, enfim, obter um panorama claro sobre o tema. A partir dessa compreensão, para futuros estudos, sugere-se a ampliação da literatura, a coleta de dados primários em instituições de ensino e o desenvolvimento de um guia com diretrizes que permitam aos cursos de Moda orientarem-se acerca de como implementar o debate sobre a sustentabilidade em suas matrizes e ementários.

Por último, faz-se necessário agradecer o apoio técnico-científico do curso de bacharelado em Moda da Universidade Estadual de Maringá (UEM), que foi fundamental para aprofundar a discussão pretendida. O acolhimento ao tema, a presteza na elaboração do texto, a comunicação dialógica e a interação mútua não seriam possíveis sem a participação ativa de seu professorado e alunado. Para os devidos fins, também importa declarar que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES PROEX) — Código de Financiamento 001. Por fim, agradece-se ao Programa de Pós-Graduação em Design (Pós-Design) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Referências

- ALVES, J. B. da M. **Teoria Geral de Sistemas**: em busca de Interdisciplinaridade. Florianópolis: Instituto Stela, 2012. Disponível em: https://rexlabs.ufsc.br/wp-content/uploads/2020/03/TeoriaGeraldSistemas_Livro-1.pdf. Acesso em: 04 mar. 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Ed. rev e ampl. São Paulo: Ed. 70, 2016.
- BERTALANFFY, L. von. **Teoria geral dos sistemas**: fundamentos, desenvolvimento e aplicações. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

- FLETCHER, K. **Sustainable fashion and textiles: design journeys**. Londres: Earthscan, 2008.
- FLETCHER, K.; GROSE, L. **Moda & sustentabilidade: design para mudança**. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- JACKSON, P. W. **Life in Classrooms**. New York: Holt, Rinehart, & Winston, 1968.
- LIMA, V. F. T. de. **Ensino superior em Design de Moda no Brasil: praxis e (in)sustentabilidade**. 2018. 292 f. Tese (Doutorado) — Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-19122018-154908/publico/TEVERENAFERREIRATIDEILIMA_rev.pdf. Acesso em: 11 jan. 2026.
- MEADOWS, D. H. **Thinking in systems: a primer**. White River Junction: Chelsea Green Publishing, 2008.
- MELLO, L. M. de; CÉSAR, J. B. M. A exploração do trabalho contemporâneo na indústria brasileira da moda. **Cadernos Jurídicos da Faculdade de Direito de Sorocaba**, Sorocaba, v. 2, n. 1, p. 347-375, jan. 2020. Disponível em: <https://cadernosjuridicos.fadi.br/cadernosjuridicos/article/view/63>. Acesso em: 14 jan. 2026.
- PEREIRA, S. M. R. **Sustentabilidade e ensino de moda: somos parte do problema ou solução?** Belo Horizonte: EdUEMG, 2024. Disponível em: <https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2024/Sustentabilidade-e-ensino/sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2025.
- ROSENTHAL, G. **Pesquisa social interpretativa: uma introdução**. 5. ed. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2014. Tradução de: Tomás da Costa.
- SCHULTE, N. K. **Reflexões sobre moda ética: contribuições do biocentrismo e do veganismo**. Florianópolis: UDESC, 2015.
- SCHULZ, F. E.; CUNHA, J. Metodologias transdisciplinares para a sustentabilidade cultural no Design de Moda. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 9, n. 3, p. 1-22, 1 out. 2025. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/25944630932025e7510>. Acesso em: 11 jan. 2026.
- TROIANI, L.; SEHNEM, S.; CARVALHO, L. Moda sustentável: uma análise sob a perspectiva do ensino de boas práticas de sustentabilidade e economia circular. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 62-76, jan. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395120200214>. Acesso em: 21 dez. 2025.
- VASCONCELLOS, M. J. E. de. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. 1. ed. Campinas: Papyrus, 2022.
- VERONESE, O.; LASTE, A. O trabalho escravo e Fast Fashion: o flerte da indústria da moda com a servidão. **Revista Direito e Justiça: Reflexões Sociojurídicas**, Erechim, v. 22, n. 43, p. 171-185, 23 dez. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31512/rdj.v22i43.1009>. Acesso em: 14 jan. 2026.